

DESENVOLVIMENTO COM EDUCAÇÃO: UMA ALTERNATIVA PARA REVERTER AS DESIGUALDADES NA ILHA DO MARAJÓ

Ricardo A. G. Pereira¹, Maria de Lourdes S. Aires², Maria Augusta L. Neves³, Nelson W. Dias⁴

¹ Universidade de Taubaté, Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Rua Exp. Ernesto Pereira, Portão 2 - Taubaté – SP - Cep: 12030-320, ricardo@idepa.com.br

² Universidade de Taubaté, Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Rua Exp. Ernesto Pereira, Portão 2 - Taubaté – SP - Cep: 12030-320, lourdesaires@bol.com.br

³ Universidade de Taubaté, Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Rua Exp. Ernesto Pereira, Portão 2 - Taubaté – SP - Cep: 12030-320, augusta.uva@hotmail.com

⁴ Universidade de Taubaté, Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Rua Exp. Ernesto Pereira, Portão 2 - Taubaté – SP - Cep: 12030-320, nelson.dias@unitau.br

Resumo- Este artigo é baseado em uma pesquisa documental sobre os aspectos demográficos, sociais, econômicos, educacionais e ambientais da Mesoregião do Marajó, no estado do Pará. Trata-se de uma pesquisa de enfoque empírico-analítico que buscou através de fontes produzidas pelas várias instituições governamentais (e.g. IBGE, MDA) e instituições não-governamentais que atuam na região dados informativos, estatísticos e legais sobre esse território. A coleta de dados limitou-se ao levantamento estatístico do final dos anos 90 e meados de 2005, no qual comparou-se entre outras variáveis o IDH e o PIB em relação ao Estado. Utilizou-se a técnica de análise interpretativa das variáveis sobre o crescimento e o desenvolvimento econômico e educacional dos municípios que compõe essa mesoregião, uma vez que na Região de Floresta formada pelos Municípios de Breves, Curalinho, Portel, ao Sebastião da Boa Vista e Melgaço, onde estão concentrados os maiores índices de analfabetismo do país. Ao final é analisado o papel da educação no desenvolvimento regional da ilha do Marajó, bem como suas dificuldades e perspectivas para o futuro da região.

Palavras-chave: desenvolvimento regional, IDH, PIB per capita, educação

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

Introdução

Este estudo analisa o Marajó a partir dos dados da mesoregião, por suas características de diversidade econômica, social, ambiental, cultural e educacional, esta última reproduzida através de seus mitos e lendas.

A contextualização político-sociológica da economia marajoara far-se-á presente no estudo através da análise dos principais produtos do extrativismo vegetal, que são a madeira, o açaí e o palmito, verificando como estes produtos influenciam na vida do povo marajoara.

O estudo finaliza com a discussão do papel da educação no contexto do desenvolvimento regional do Marajó, onde se fará o enfoque à luz de Miranda Neto (1993) na superação da “força de trabalho não especializado”, o fortalecimento das bases comunitárias, o fortalecimento da identidade e o associativismo como propõe Chaves (2005).

Diante do levantamento feito junto as Instituições Governamentais de fomento as políticas públicas para a Ilha do Marajó que juntamente com a sociedade civil organizada tem procurado viabilizar as demandas da região no sentido de diminuir os índices de desigualdades

sociais, econômicas e educacionais, procura-se evidenciar o papel destas na região que recentemente foi elevada a categoria de Território do Marajó. O relatório da Delegacia Federal do Desenvolvimento Agrário do Estado do Pará (DFDA-PA), elaborado em dezembro de 2005 e que referendou a criação do Território do Marajó, evidencia que o processo de elaboração e implantação de políticas públicas no Marajó vem sendo consolidado sobre realidades e situações diversas sem que potenciais e pontos de estrangulamento sejam considerados nos planejamento tanto do governo Estadual quanto do Federal. Este aspecto vem sendo um ponto significativo no atraso do processo de desenvolvimento sustentável da região. Verifica-se que esses planejamentos não potencializam as necessidades sociais, econômicas, ambientais pelo fato dos gestores públicos não levarem em consideração as peculiaridades locais. Isso vem proporcionando um pequeno crescimento desordenado sem planejamento e direcionamento de ações que possam conciliar o crescimento econômico equitativo e justo de todos os segmentos sociais com a gestão e preservação dos recursos naturais existente nesta região.

Porém, é lamentável o quanto as políticas para a Amazônia são paternalistas, aliás, o Brasil vive hoje esse clima, quando muitos pequenos produtores que antes produziam para sua subsistência, hoje esperam por ajudas das “Bolsas”, o que se torna uma ameaça, ao futuro econômico da região e como afirma Mendes (1974) *APUD* Miranda Neto (1993, p. 21): “o que não se pode supor e muito menos propor é que tal situação se institucionalize para todo o sempre”.

O modelo econômico da região amazônica tem se baseado em modelos exógenos o que tem causado uma ruptura na estrutura da sociedade local, modelo este que não tem proporcionado a evolução tanto da economia como da sociedade em si, através da amenização dos conflitos sociais existentes, como esclarece Miranda Neto (1993) “Já é hora de conhecermos o homem da região para, a partir de seus anseios, elaborar verdadeiros planos integrados de desenvolvimento que o considerem participante e beneficiário do processo”.

A economia da Mesoregião do Marajó se constitui uma síntese da reflexão acima, onde não se pode desatrelar o fator econômico do fator populacional, pois de uma forma geral, as populações da Amazônia desde o final do século XIX, vem passando por grandes transformações, principalmente pela chegada de novos contingentes demográficos, assim como novas técnicas produtivas, o que tem motivado maior exploração dos recursos naturais da região. Porém, as populações ribeirinhas, tradicionais no Marajó, não foram diferentes, passaram por essas modificações, sem, contudo sofrer grandes impactos no seu modo de produção que é o extrativismo. Ao longo tempo a economia do Marajó baseava-se na coleta da seringa e frutos cosméticos, realizada em função de Belém, como analisa Chaves (2005).

O objetivo deste trabalho é identificar, por meio da análise de dados secundários, evidências que ajudem a explicar as origens das desigualdades na Mesoregião do Marajó e o papel que a educação pode exercer na reversão do quadro atual de desenvolvimento regional.

Materiais e Métodos

Os dados utilizados neste estudo foram extraídos das bases de dados do Instituto Brasileiro de Economia e Estatística (IBGE), da Secretaria de Estado de Planejamento Participativo, Orçamento e Finanças (SEPOF) e Secretaria de Estado da Educação (SEDUC).

A coleta de dados limitou-se ao levantamento estatístico do final dos anos 90 e meados de 2005, no qual comparou-se entre outras variáveis o IDH e o PIB em relação ao Estado. Utilizou-se a técnica de análise interpretativa das variáveis

sobre o crescimento e o desenvolvimento econômico e educacional dos municípios que compõe essa mesoregião, uma vez que na Região de Floresta formada pelos Municípios de Breves, Curralinho, Portel, ao Sebastião da Boa Vista e Melgaço, onde estão concentrados os maiores índices de analfabetismo do país.

Resultados

A contextualização da economia marajoara conduz-nos a compreender o atual cenário do Marajó no Pará, onde seu PIB per capita tem variado, sendo que 2000 a 2003 ficaram entre 608 e 45 mil reais em média, revelando a fragilidade e por que não a decadência econômica de uma região com tantos potenciais, conforme pode ser observado na Figura 1.

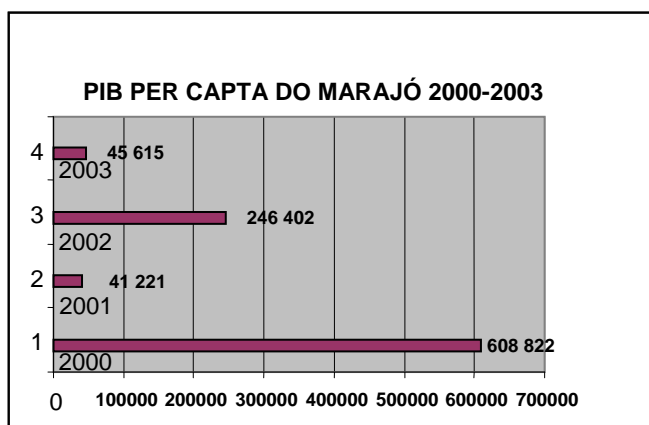


Figura 1 - PIB per capita de Marajó entre 2000 e 2003 (Fonte: IBGE).

No lastro do extrativismo vegetal, conforme já mencionamos, o açaí desponta como um dos produtos mais comercializados no Marajó por ser classificada como uma forma de agricultura familiar, pois como demonstra Chaves (2005) em levantamento sobre as atividades produtivas das famílias que vivem as margens do rio Quiã-Paraná, localizado no município de Ponta de Pedras, o açaí desponta como a atividade mais praticada pelas famílias com quase 100% de famílias envolvidas, seguida da pesca, da criação de animais, o palmito e a madeira, revelando a pouca vocação da região para agricultura, como mostra a Figura 2, elaborado por Chaves (2005).

A economia do marajó quando analisada a partir do contexto da mesoregião percebe-se o quanto a relação homem-natureza está sendo agressiva em detrimento do poder econômico na região, quando vemos a madeira como uma das principais atividades produtivas do Marajó hoje, sendo o município de Breves responsável por 52,8% da produção de madeira, Ponta de Pedras por 53,9% da produção do açaí e Anajás por 43,1% do palmito produzido no Marajó (Tabela 1).

Principais atividades produtivas da comunidade

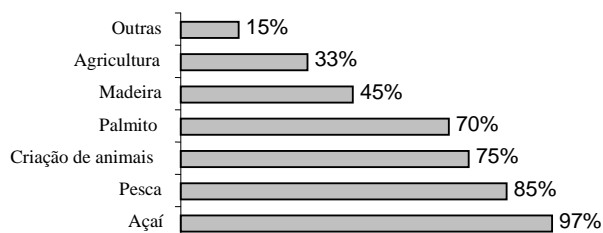


Figura 2 – Percentuais das principais atividades produtivas das comunidades do Marajó.

Tabela 1 - Produtos mais comercializados na região do Marajó por representatividade de municípios produtores em 2003 e 2004. (Fonte: IBGE/ SEPOF).

| Municípios | Açaí (t) | | Madeira (t) | |
|-----------------|----------|---------------|-------------|----------------|
| | 2003 | 2004 | 2003 | 2004 |
| Portel | 350 | 330 | 1.050.000 | 47.300 |
| Melgaço | 13 | 13 | 25.000 | 25.000 |
| Breves | 280 | 300 | 170.000 | 150.000 |
| Anajás | 2.894 | 2.894 | 19 | 19 |
| Ponta de Pedras | 10.855 | 11.072 | 6.700 | 6.465 |
| Muaná | 5.900 | 5.900 | 55.000 | 55.000 |
| Total | - | 20.509 | - | 283.784 |

Brasil (1993,) alerta para forma de exploração dos recursos, principalmente a madeira e recentemente com o açaí, tal exploração não depende do morador ribeirinho. Ainda sobre a madeira, esclarecendo ainda, que não é o morador quem decide sobre as espécies a serem comercializadas, mas sim as empresas madeireiras que de acordo com o ramo de atividade comercial a qual estão envolvidas. A autora comprova que pesquisas realizadas pelo museu paraense Emílio Goeldi mostram que “a retirada de algumas espécies, após alguns anos de exploração, provoca desequilíbrio na biodiversidade das áreas exploradas. Animais (roedores, pássaros, insetos, etc.) e outros vegetais dependentes das espécies que estão sendo extraídas passam a enfrentar problemas, chegando muitas vezes, à extinção e o surgimento de pragas e doenças antes inexistentes”.

Dessa forma, é possível compreender o surgimento de grandes problemas de saúde na região do Marajó, como a febre tifóide em Anajás, a raiva transmitida por ataque de morcegos tipofagos em Portel, em ambas as localidades com incidências de casos fatais. Quanto ao açaí, a autora não atesta grandes problemas por ser o açaí uma cultura que depende de sua sazonalidade. Chaves (2005) chama a atenção para o fato de que o crescimento da produção de açaí no Marajó e algumas ilhas do baixo Tocantins

tem se revelado muito proveitoso aos ribeirinhos que mesmo sem o apoio técnico especializado, estes acabam por desenvolver formas de manejo tradicionais, o que tem feito a diferença no aumento da produção, que segundo o autor “Nessas unidades se tem uma produção média de 16,55% destinados ao consumo e 83,45% destinados à comercialização no auge da safra, no início e no fim, o consumo interno pode chegar à totalidade” (CHAVES, 2005).

A partir do relato do pesquisado sobre a mesoregião do Marajó é possível compreender o baixo desempenho do ensino fundamental nos municípios da referida região, pois como se pode perceber na Figura 3, sobre o desempenho dos alunos de 1ª a 4ª série, nem um dos municípios citados tem *performance*, acima de 0,400, muito pelo contrario, o município de Melgaço consegue ficar abaixo daqueles que não tiveram desempenho satisfatório.

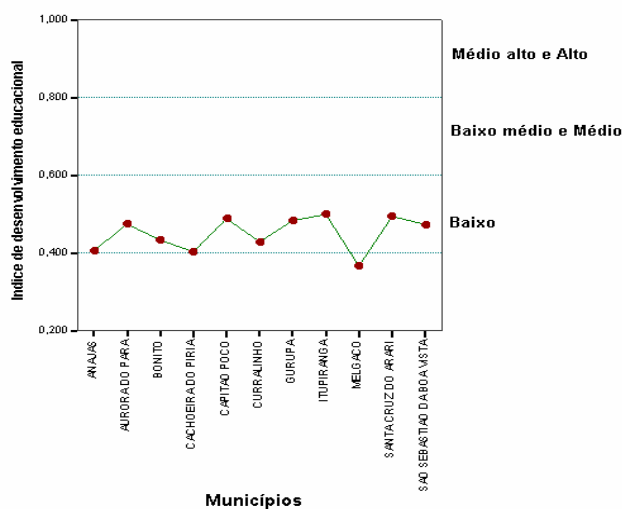


Figura 3 - Desenvolvimento Educacional do E.F. de 1ª e 4ª série dos Municípios não municipalizados (Fonte: SEDUC / MEC).

O baixo desempenho das crianças de 1ª a 4ª série do Marajó, pode ser explicado pela pesquisa “Avaliação em áreas de insucesso escolar no Pará” de 2000, onde revelou que a rede escolar básica conta com 1.302 escolas, sendo a maioria da rede municipal (96,5%), 3,3% da rede estadual e 0,2% de outras redes. A pesquisa mostrou também que 95% desse total de escolas está localizado a zona rural.

Apesar da referida pesquisa já ter algum tempo de editada, os resultados por ela revelados, remete a uma profunda reflexão sobre o acesso e permanência dos alunos do Marajó à escola, pois 92,4% das escolas só estão habilitadas para ministrar o ensino de 1ª a 4ª série, 2,2% de 5ª a 8ª série e o ensino médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos) ocupam a inexpressiva taxa de 0,9% das unidades escolares da região. O mais

grave é que a pesquisa nem cita a existência de unidades escolares que se dediquem à educação profissional, até porque a somente em 2003 foi inaugurada a 1ª escola de trabalho e produção no município de Salvaterra, que atende somente a microrregião do Arari, forma parcial.

Assim, a situação da educação no Marajó é um verdadeiro caso de denuncia pública, pois em nada contribui para o desenvolvimento local, à ampliação de horizontes a melhoria da qualidade de vida nos municípios. Uma possível saída para o Marajó seria investir no potencial das comunidades.

Discussão

Diante do cenário exposta resta-nos questionar: a quem interessa o subdesenvolvimento do marajó? Do ponto de vista regional, a economia do marajó sempre esteve voltada para o abastecimento de Belém, hoje a ilha já não exerce esse papel, pois com a expansão das fronteiras internas, o Marajó passa mais uma vez por um momento delicado do seu desenvolvimento, que permita desaparecer os bolsões de miséria existentes na região do Arari, Breves, Melgaço, Portel.

A superação do paradoxo que vive o marajó hoje é fundamental para o futuro da ilha, pois observa-se que a região é limitada geograficamente. Porém, o real isolamento dessa região é provocado pela política, por um lado, na instância local através do cabresto imposto pelos antigos pecuaristas que vivem um clima muito semelhante ao do nordeste brasileiro na época do coronelismo.

Preparar o povo do Marajó para enfrentar as barreiras que o impedem de se desenvolver será fundamental num futuro próximo, pois como se abordará na próxima seção, a educação tem que servir para ajudar a região a se posicionar diante dos desafios que o presente e o futuro impõem: ou mudamos agora ou perderemos para sempre nossa capacidade de crescimento. Portanto, longe de esgotarmos o assunto, acreditamos que a educação dará a construção de um perfil de mão-de-obra centrada na inteligência e conhecimento, a qualificação da população para exercer sua cidadania e, o principal, contribuir para recuperar/criar a dimensão social e ética do desenvolvimento econômico. (MELLO 2002).

Conclusão

A educação para o Marajó tem que ser usada como uma arma poderosa que deve ser usada a longo prazo, mas acima de tudo de funcionar para fomentar novas formas de organização do trabalho rural como justifica Hall (2000) *APUD* Chaves (2005) "(...) a Amazônia brasileira, tem sido

gradativamente, através de ações pontuais, substituído por um novo modelo de desenvolvimento – o que o autor denomina “conservação produtiva”. Esse novo modelo, segundo o autor, deve pautar-se em dois objetivos básicos: a consolidação de uma base econômica produtiva diversificada, capaz de fornecer uma renda estável para os pequenos produtores, sejam agricultores, pescadores ou seringueiros; e a utilização de uma base tecnológica apropriada que conserve os recursos naturais a longo prazo.

Portanto, à guisa de um final, vislumbra-se uma transformação da realidade do Marajó através de um processo de aprendizagem social que integre os homens e os motive à participação efetiva na sociedade, decidindo e não sendo massa de manobra das elites que dominam a região, mas para que isso aconteça, tem que haver mobilização da sociedade civil para lutar por dias melhores no maior arquipélago fluvial do planeta.

Referências

- BRASIL, M. C. **As estratégias de sobrevivência da população ribeirinha da ilha de Marajó.** IN: TORRES, Haroldo & COSTA, Heloisa (orgs.). *População e meio ambiente: debates e desafio.* São Paulo: editora SENAC, 2000.
- CHAVES, M. C. Q. **Comunidade e reprodução social: estudo sobre uma população ribeirinha do Município de Ponta de Pedras - Ilha de Marajó.** 2005. 105 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Pará.
- MDA (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO – DELEGACIA FEDERAL DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO DO ESTADO DO PARÁ-DFDA/PA **Relatório de Apresentação das Características Sócio-Econômicas e Ambientais do Território do Marajó.** Belém: 2005. (Colaborador Carlos M.Guedes de Guedes).
- MIRANDA NETO. **Marajó: desafios da Amazônia: aspectos da reação a modelos exógenos de desenvolvimento.** 2.ed., Belém: Edições CEJUP, 1993. 190 p.
- MELLO, G. N. **Cidadania e competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio.** São Paulo: Cortez, 2002.
- REIS, C. **A universalização do ensino.** IN: PARÁ. *Avaliação em Áreas de Insucesso Escolar no Pará.* Belém: SEDUC, 2000.
- SEDUC/PARÁ. **Avaliação em Áreas de Insucesso Escolar no Pará.** Belém: SEDUC, 2000.